

# ANTONIO CANDIDO, MANTENEDOR DO TESO ARCO DA INTERPRETAÇÃO

Everton Luís Farias TEIXEIRA\*  
Sílvio Augusto de Oliveira HOLANDA\*\*

■ **RESUMO:** Este estudo examina o método de Antonio Candido, autodeterminado *redução estrutural*, abordagem teórica que preserva tanto o valor estético, quanto a função social da obra literária em seu processo de compreensão. Adentrando por um caminho interpretativo divergente do da Sociologia da Literatura, o olhar de mestre Candido integra o elemento social condicionante (e externo à criação artística) da estrutura literária numa leitura crítica proveniente da mescla de fundamentos teóricos diversos, dentre os quais se sobressaem o *new criticism* norte-americano e a antropologia social inglesa. O presente artigo denotará a importância da leitura sociológica da Literatura Brasileira, empreendida por Candido e desdobrada *a posteriori* nos trabalhos de alguns de seus ex-alunos, ensaístas de primeira ordem da crítica literária nacional.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido. Crítica literária. Redução estrutural.

## O histórico de um humanista militante

*Antonio Candido lança à visão histórico-sociológica do país — que conhece como poucos — um olhar atravessado pela experiência e pela análise literárias, em cujo valor de relação ele acredita e a que deve as suas descobertas. O pioneirismo esta aí, nessa inversão, que dá cidadania plena ao ângulo estético.*

*Roberto Schwarz (2004, p.15).*

---

\* UFPA – Universidade Federal do Pará. Faculdade de Letras – Belém – PA – Brasil. 66075-060 – eellip@hotmail.com.

\*\* UFPA – Universidade Federal do Pará. Faculdade de Letras – Belém – PA – Brasil. 66075-060 – eellip@hotmail.com

Em sua tentativa de explicar a vida e a poesia por um viés tautológico, Alberto Caeiro, sujeito animado pelo lusitano Fernando Pessoa (1888-1935), cunha o ideal de que “o essencial é saber ver”. (PESSOA, 1986, p.217). Neste verso, cujo intuito é a negação de uma degradação da linguagem, oriunda sobretudo da metáfora, pode-se ter a síntese do trabalho exercido pela crítica literária, que, apoiando-se em abordagens teórico-metodológicas, busca decifrar os significados estilísticos lançados pelos escritores, muitos destes ainda iniciantes na literatura e quase totalmente desconhecidos do grande público.

Saber observar esse movimento que fazem as letras brasileiras dentro de um cenário maior como é a Literatura Ocidental foi a tônica da trajetória crítica do professor e ensaísta Antonio Candido de Mello e Souza ou, simplesmente, Antonio Candido.

No ano de 1918, quando mestre Candido nasce no Rio de Janeiro, os estudos literários surgem profundamente ligados aos postulados de leitura do Estruturalismo, corrente cuja pujança se estabelece dois anos antes com a publicação das aulas de Ferdinand de Saussure (1964), cujo *Cours de Linguistique Générale*, além de alçar a linguagem ao patamar de ciência com métodos e objeto de análise bem demarcados, forneceu à crítica de literatura um embasamento teórico nítido e sistematizado, substituindo de vez as leituras de obras literárias fundamentadas por um critério impressionista, em outras palavras, uma leitura realizada ao sabor das marés de gostos e escolhas estéticas dos leitores. Essa vertente de recepção literária se estabeleceu nos escritos da primitiva crítica literária nacional, perpassando os trabalhos de nomes como Sílvio Romero e José Veríssimo, inimigos nas páginas, mas iguais em método interpretativo.

Antonio Candido, ou *Antonio límpido*, cantado pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, cresceu num ambiente próprio para a sua formação de leitor com vocação crítica. O pai, Aristides Candido, médico e grande interessado pela filosofia, e a mãe, D. Clarisse Tolentino, moça educada por religiosas católicas e demasiadamente culta, graças — em parte — a hábitos afrancesados, foram extremamente importantes para a formação cultural do ensaísta, como ele mesmo relata:

Cresci numa casa onde havia essa coisa curiosa: meu pai e minha mãe tinham cada um a sua biblioteca. Era uma casa cheia de livros muitos com belas encadernações, e cresci no meio deles.

(CANDIDO, 1993, p.30)

Por conta da saúde frágil de seu Aristides, a família de Antonio Candido parte para a cidade mineira de Santa Rita de Cássia, onde permanece até o ano de 1928. Nesta cidade, terra natal de seu pai, o ensaísta encontrava-se insulado, tendo consigo a companhia dos irmãos Roberto e Miguel e dos livros em que o pai exercia a sua

faceta de educador: os volumes da *Larousse Universel*, possibilitando ao jovem Candido o início do entendimento da língua de Baudelaire.

Naquele mesmo ano, a família Mello e Souza partiu para a Europa, onde o pai do escritor pretendia especializar-se antes de assumir a direção de um projeto do governo de Minas, que visava transformar Poços de Caldas em uma das melhores estações balneárias do mundo. Segundo o autor de *Formação da Literatura Brasileira*, foram “[...] 12 meses decisivos para a minha formação cultural. Eu era um menino precoce e curioso.” (CANDIDO, 1993, p.31).

Esse comportamento do menino foi alimentado por seus pais, que o entregaram aos cuidados de uma senhora descendente de ingleses, chamada Marie Rohfs de Sussex. *Mademoiselle* Sussex foi responsável por ensinar aos pequenos Mello e Souza Língua Francesa e História.

De acordo com declarações do próprio Antonio Candido, ele mesmo nunca frequentou nenhuma escola àquela época, recebendo, assim, toda a sua educação pelas mãos de amigos da família ou de seus pais, que, mesmo sem recorrerem a nenhum estabelecimento oficial de ensino, deram a Antonio Candido e aos irmãos deste uma sólida formação educacional. Neste sistema nada ortodoxo de escolarização, muito comum à época, o autor de *Tese e Antítese*, além das primeiras letras e leituras, foi apresentado aos idiomas estrangeiros, a começar pela língua francesa, que lhe chegou por meio da própria mãe, D. Clarisse, filha da classe média carioca e acostumada ao francês, falado fluentemente nas rodas da família.

O início dos estudos secundários dá-se na cidade de Poços de Caldas e lá Antonio Candido conheceu a segunda mulher, após a mãe, a exercer sobre ele profunda influência cultural. Deixemos que o crítico fale sobre ela:

Chamava-se Maria Ovídia Junqueiro, era muito instruída, protestante, de formação norte-americana. Graças a ela comecei a ler a Bíblia e tive contato com a língua inglesa. Ela tinha uma biblioteca excelente, onde pela primeira vez vi no original obras de Shakespeare, Dickens, Thackeray. Essa senhora continuou sendo minha professora no ginásio, e quando acabei este já lia mais ou menos bem os textos em inglês. (CANDIDO, 1993, p.31).

No somatório da formação intelectual de Antonio Candido, faltava a sua apresentação à cultura italiana, ao lirismo clássico das árias de ópera. Por coincidência ou não, uma nova mulher seria a sua educadora, fechando a tríade feminina em torno de mestre Candido.

D. Terezinha Rocchi constituiu-se um capítulo à parte na biografia de Antonio Candido, que anos depois escreveria sobre os passos da vida dessa mulher vinda de uma linhagem aristocrática de Parma. Esposa do maestro Guido Rocchi, Terezinha semeou na personalidade do jovem Candido o ideal socialista quando ele ainda era um estudante do Colégio Mackenzie; entretanto, essas lições aprendidas nas

conversas e nos livros emprestados ou presenteados, todos no idioma de Dante e Maquiavel, marcaram de forma indelével a trajetória crítica e militante do ensaísta, que, por diversas vezes, não se deixou levar pelo comodismo político de um país em que o vulgar é o domínio das intempéries do poder do Estado, seja ele democrático ou totalitário. Como crítico respeitado no meio acadêmico e intelectual, a conduta do autor de *Formação da Literatura Brasileira* não foi diferente da do militante político, cujo trabalho esclarecido ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT) no início do decênio de 1980, constituindo-se num hiato da militância político-intelectual universitária e na esquerda brasileira acostumada à ação subterrânea (SARMATZ, 2003, p.71).

No ano de 1935, Antonio Candido viu o Ginásio Municipal de Poços de Caldas passar ao controle dos irmãos maristas. Esse fato obrigou-o a terminar o secundário de forma problemática na cidade paulista de São João da Boa Vista. Diante de tantas dificuldades, no entanto, o adolescente encontra um amigo que se tornaria um parceiro para sempre, Joaquim José de Oliveira Neto. Médico e professor de história natural, este possuía uma “bela biblioteca, sobretudo de autores franceses” (CANDIDO, 1993, p.31) e “as novas revistas literárias francesas e americanas” (CANDIDO, 1993, p.31), sem contar a novidade daquele momento: a *Bibliothèque de la Pléiade*.

A coragem, traço peculiar na carreira de Antonio Candido, manifesta-se num episódio ocorrido em 1936. Com 18 anos, o autor de *Brigada Ligeira* se transferiu para São Paulo, deixando a mineira Poços de Caldas, no afã de prestar exame para a Faculdade de Medicina, atendendo assim a um anseio do pai, seu Aristides. O destino sorriu para o adolescente e para a sua sorte (e dos Estudos Sociais e Literários), ele foi reprovado. Passado esse momento, o estudante Antonio Candido, num “gesto de independência” (CANDIDO, 1993, p.31), abandona o pré-médico particular no ano seguinte, tirando os seus documentos da Faculdade de Medicina, enviando-os para a de Filosofia, onde, em 1939, Antonio Candido ingressaria, cursando, simultaneamente, neste período, a Faculdade de Direito, onde também fora aprovado obedecendo a um pedido de seu pai, que o aconselhara a não ficar apenas na Filosofia, uma vez que só com ela, Candido, de acordo com dr. Aristides, morreria de fome.

No final da década de 1930, Antonio Candido já se mostrava um espantoso conhecedor de literatura e, ao estudar com mestres como Antonio de Sales Campos e José de Castro Nery, o ensaísta teve a oportunidade de “sanar lacunas do secundário” (CANDIDO, 1993, p.32). Se o curso de Filosofia instrumentalizou-o teoricamente, faltou-lhe nesta Faculdade o aprendizado da prática política na militância, a qual era incipiente, dado o grande número de mulheres matriculadas, o que, segundo Candido, era um agravante na época, visto que “[m]oça naquele tempo não fazia política” (CANDIDO, 1993, p.32). Daí vem a relevância da Faculdade de Direito

do Largo de São Francisco para o trajeto crítico de Antonio Candido. Ali, o ensaísta se inicia na militância política que não abandonaria mais, assumindo uma postura intelectual e profissional capaz de enfrentar as determinações despóticas que passaram pelo país, insurgindo-se a favor de intelectuais perseguidos pelo sistema político vigente, como ilustra a sua decisão de orientar a tese de doutorado de Luiz Costa Lima (1973), reconhecido oponente da Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Sobre *Estruturalismo e teoria da literatura* recai outra peculiaridade do crítico: a generosidade em assinar um trabalho no qual a abordagem teórica é totalmente oposta à maneira pela qual o professor uspiano estrutura as suas teorias acerca da Literatura. Costa Lima reconheceu, como nós, esse traço da personalidade daquele que soube ser, além de seu orientador, parceiro de jornada num período conturbado como foi aquele por que o Brasil passava, um lugar, como foi dito por militares à escritora portuguesa Maria Teresa Horta (2007), “[...] perigoso, onde as pessoas desaparecem... para sempre.”

Costa Lima reverencia Antonio Candido nos agradecimentos de sua tese e compromete a ambos junto aos olhos ferozes do Regime ao empunhar a lâmina da palavra literária de Guimarães Rosa, “Narrar é resistir.” (LIMA, 1973, p.5).

Indiscutivelmente um dos mais relevantes intelectuais do século XX, o autor do clássico *Formação da Literatura Brasileira* inscreveu o seu nome na crítica literária nacional, principalmente das décadas de 1940 e 1950, momento extremamente fértil da produção de muitos ficcionistas, cujas obras revolucionaram as letras brasileiras modernas, vide os casos de Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e, sobretudo, de Guimarães Rosa, gênio que com a coletânea de contos *Sagarana* e o romance metafísico *Grande sertão: veredas* renovou a estética regionalista, a qual parecia, naquele instante, dar sérios sinais de esgotamento criativo, após dois séculos de existência na literatura brasileira.

Esses anos são bem movimentados na vida de Antonio Candido. Neste período, além de concluir o curso de Ciências Sociais, o ensaísta divide-se nas tarefas de colaborador e idealizador de diversas publicações, entre elas a revista *Argumento* e o Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, cujo primeiro número vem a lume em 1956.

Faz-se necessário frisar essa passagem do crítico pelas chamadas notas de rodapé, nas quais os críticos titulares, pelo dinâmico imediatismo que lhes era exigido, formaram a base onde se deu o fortalecimento e a divulgação em maior escala das inúmeras linguagens artísticas, além da crítica de literatura, posteriormente, devido à sua extrema especialização, deslocada para dentro dos limites universitários.

Os Suplementos Literários constituíram-se, na década de 1950, o maior canal disseminador de conhecimento, para o grande público, dos estudos desenvolvidos por intelectuais tornados nomes relevantes do ensaísmo literário brasileiro, como

Antonio Candido e Benedito Nunes. Este, no mesmo período, passa a ser lido no Sudeste do país graças ao poeta Mário Faustino, que leva o trabalho do crítico paraense às páginas do Suplemento Literário do *Jornal do Brasil*.

Como professor universitário, a conduta de mestre Candido não foi menos libertária do que o seu posicionamento político ou sua abordagem crítica sobre a Literatura, esta trazida nos seus livros e ensaios como fenômeno importante para os estudos sociais.

A tônica do desenvolvimento intelectual e crítico de Candido foi, portanto, a sua acentuada formação humanística, de leitor ávido que devora, na leitura, os conhecimentos mais diversos e das áreas mais distintas. De maneira diferente do que nos revela a biografia do sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), Antonio Candido gozou de inúmeras possibilidades materiais e relações afetivas e familiares para aguçar seu intelecto.

No campo dos estudos formais e institucionalizados, a formação de Antonio Candido confunde-se com a história da própria Universidade, espaço fornecedor de relevantes intelectuais e militantes políticos engajados, que, com trabalhos vigorosos, ajudaram a expor as faces díspares de nossa nação, tal qual o Proteu mitológico, em permanente transformação, adequando-se, quando possível, às diversas circunstâncias que lhe são apresentadas. O crítico funde em si propostas metodológicas e teóricas das três faculdades por que passou e de onde foi professor, Direito, Ciências Sociais e Letras.

Das inúmeras atividades exercidas por mestre Candido, a crítica literária e o magistério, contudo, foram aquelas que se constituíram forças motrizes em sua vida. Unidos no mesmo indivíduo, o crítico e o professor se harmonizam num convívio de benefício mútuo ou, como mais poeticamente afirmaria Fernando Pessoa (1986, p.211), num “[...] acordo íntimo, como a mão direita e a esquerda.” Da correlação dessas duas atividades aparentemente distintas, Antonio Candido produziu uma via de contato em que se fosse possível determinar o mais importante em sua existência, a relevância seria dada ao *professor*, função capaz de alimentar as descobertas do outro, o crítico literário. Um dado que comprovaria a veracidade dessa assertiva é a diminuição de sua produção ensaística, sobretudo a partir de sua aposentadoria na Universidade de São Paulo, em 1978, visto que, segundo o crítico,

[...] as aulas estimulavam os meus escritos, e quase todos os meus ensaios são sucedâneos de cursos e conferências. A partir do momento em que parei de ensinar, perdi muito do estímulo para escrever. (CANDIDO, 1993, p.39).

Tal qual Florestan Fernandes, contemporâneo seu em formação sociológica e humanística, Antonio Candido soube ser um grande intelectual oficiante da árdua

tarefa de “servir ao seu tempo” (CANDIDO, 2001, p.11), produzindo escritos relevantes sobre diversos temas das ciências humanas.

### **A forjadura do método: “la claridad es un deber”**

Numa primeira e desatenta leitura, pode-se concluir desnecessário todo o preâmbulo realizado no intuito de retratar o perfil biográfico de Antonio Candido, uma vez que é inegável o seu reconhecimento no meio acadêmico. Entretanto, toda a vasta contribuição do autor de *Tese e Antítese* para o surgimento, ainda nos anos de 1940, de uma crítica especializada e moderna, centrada em métodos rigorosos e operada de maneira sistematizada, não poderia constituir-se sem as pontas dadas pelo seu percurso de leitura, iniciado com os pais e, posteriormente, com o peso da formação humanística oriunda das faculdades a que o crítico pertenceu na Universidade de São Paulo. Todas essas pontas juntas teceram a trama das atividades ensaísticas e docentes de Antonio Candido, que confessou, abertamente, a força indelével de uma tarefa na construção da outra.

Para uma eficiente compreensão do método utilizado pelo crítico ao longo de décadas de leitura e análise da história e da sociedade brasileiras, construídas a partir da lente produzida pela literatura nacional e de seu vívido confronto com as tradicionais letras européias, é importante entender que, tal como a personagem Riobaldo, do *Grande sertão: veredas* (ROSA, 1956), Antonio Candido bebe, em seu trabalho, em todos os rios teóricos que possam, evidentemente, desembocar numa interpretação que seja satisfatória e esclarecedora da obra literária e que se deixem fluir sobretudo da própria composição estrutural do texto, sem com isso desaguar a leitura nas margens dos estudos estruturalistas, que vingaram quase até a totalidade dos anos de 1960.

Sobre o Estruturalismo, cumpre destacar que, apesar da autodefinição de “[...] intermitente em matéria de escrita e flutuante em matéria de leitura” (CANDIDO, 1993, p.40), dentro dos diálogos propostos pelos seus ensaios com as diversas correntes de pensamento das Ciências Humanas e Sociais, Antonio Candido não enveredou, metodologicamente, em momento algum de sua produção, pela leitura do material literário sob o prisma estruturalista, que tanto influenciou os estudos da linguagem. Tampouco o crítico deixou seduzir-se pela abordagem marxista em suas tentativas de exame da realidade social, como podem erroneamente demonstrar os artigos reunidos na década de 1980 na coletânea *Teresina etc.*, em que se vê claramente essa aproximação do ensaísta com os discursos ideológicos, advogados em defesa do posicionamento socialista, tendência sempre presentificada no decurso docente do autor de *Literatura e Sociedade*. Muito convenientemente, afirma Antonio Candido a sua “não-filiação” a essa postura filosófica e política, atitude esta que corrobora a sua independência em relação às modas teóricas estrangeiras:

Como vocês viram, *a minha formação pressupõe muita mistura*, mas ele [o marxismo] foi sempre para mim uma influência marcante, e creio que é visível a andadura dialética de meu trabalho crítico. No entanto, nunca fui marxista propriamente dito. O marxismo é uma filosofia totalizadora, e ser marxista é mais ou menos ser católico: você tem de passar pelo crivo da doutrina toda a realidade do mundo, do ser, da ação [...]. O marxismo para mim foi importante sobretudo no terreno da política. Acho, por exemplo, que sem conceitos como luta de classes não se entende corretamente a realidade social. Mas me convenci desde cedo que ele não é uma doutrina fechada, e sim um instrumento de grande poder analítico e prático, que deve ser ajustado à luz dos novos conhecimentos. (CANDIDO, 1993, p.40).

Esse afastamento consciente das implicações do estruturalismo e mesmo do marxismo denota em Antonio Candido uma personalidade muito diferente do pensamento contemporâneo, pois ao excluir uma possibilidade metodológica, o faz mais por falta de conhecimento desta do que por opção intelectual. Isso ocorre, parcialmente, graças ao período em que Antonio Candido se formou intelectualmente, uma vez que, entre os decênios de 1930 e 1940, o Ensino Superior no Brasil ainda não havia passado pela tenebrosa divisão acadêmica do trabalho e a compartimentação do conhecimento das humanidades em fragmentadas especialidades.

Apesar de visivelmente preocupado com o viés metodológico em seus trabalhos, o ensaísta, por um sentimento extremo de modéstia, sempre que questionado, se autodefine como sendo mais intuitivo do que metódico, negando obviamente o emblemático peso de uma possível caracterização de “ilustre intelectual” do século XX.

Toda a “mistura” na qual se fundamentou a construção teórico-metodológica do autor de *Vários escritos* desencadeou uma arguta e profunda análise da tentativa, realizada no decorrer dos séculos, de registrar e interpretar as sucessivas mudanças sociais por meio da matéria ficcional, no intuito de construir a consciência da nação que se queria independente dos modelos coloniais, que, no entanto, haviam fundado as nossas primeiras letras.

Candido propõe, incansavelmente, diálogos literários com a história, com os estudos sociais e com a literatura nacional em relação às demais existentes, possíveis devido à formulação do método denominado *redução estrutural*, que, segundo o seu autor, consiste num “[...] processo de cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária.” (CANDIDO, 2004, p.9). Em outras palavras, é a afamada migração do elemento real, visto como *externo*, para o plano literário ou *interno*, verificado em trabalhos como *Literatura e Sociedade*.

Antonio Candido nunca abre mão de sua abordagem sociológica quando escreve sobre a literatura nacional. O que torna os seus estudos e métodos relevantes



é a não-submissão do texto literário à Sociologia. É de suma importância dizer que, anteriormente à perspectiva do crítico, os estudos sociológicos consideravam a literatura como fenômeno subordinado ou como, nas palavras do polêmico José Guilherme Merquior (1981, p.319), um “epifenômeno”.

O crítico literário e sociólogo — que teria sido influenciado pela Antropologia social inglesa e pelas idéias do *new criticism* americano — conceitua a obra literária como o resultado de si mesma; assim, compreende o traço social como a forma, “fator da própria construção artística” (MERQUIOR, 1981, p.319). Segundo Merquior, em seu ensaio *O texto como resultado*, Antonio Candido alcançou o seu triunfo metodológico, pois o social (externo) converge para o corpo do texto (o interno):

[O] crítico acentuava a conversão do elemento externo em interno [...] usando com discernimento o fundo biográfico e o ambiente social exemplares na capacidade de fugir de ilusões formalistas sem cair nas falácias reducionistas. (MERQUIOR, 1981, p.324).

Merquior ainda nos lembra que a teoria por ele examinada abriu novos caminhos para a teoria literária latino-americana, habituada ao formalismo. Entretanto, a concepção de Antonio Candido de que o “social habita dentro do literário” (MERQUIOR, 1981, p.319) ganharia mais força na década de 70 com a sua reflexão sobre a obra de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. “Dialética da malandragem” (CANDIDO, 1978b) é um desses textos iluminadores da Literatura Brasileira, ao possibilitar o exame do método de Antonio Candido no contato direto com a matéria ficcional.

O escritor e discípulo de mestre Candido, Roberto Schwarz, em um denso e complexo ensaio sobre a “Dialética da malandragem”, nos mostra como esse estudo abriu espaço para a “[...] conjunção da análise formal e a localização sociológica enquanto complementares [...]” (SCHWARZ, 1989, p.130) na cultura e nas letras brasileiras. De acordo com Schwarz, Antonio Candido elabora a sua posição ideológica pelas leituras das *Memórias*, feitas pelos críticos anteriores a ele, como José Veríssimo, em 1894, e no prefácio da obra escrita por Mário de Andrade para a edição do romance em 1941.

Da oposição às suas apreciações, o autor de *Formação da Literatura Brasileira* constrói a sua análise, que resultará na figura do malandro — o espertalhão, tão característico da nossa cultura — e a dialética da ordem e desordem, motivadora do viver dos desocupados e sem mando do país, nos meados do século XIX. É por meio dessa dialética que Antonio Candido encontra o seu *correlativo formal*, a generalidade, que, segundo Schwarz, “participa igualmente da realidade e da ficção” (SCHWARZ, 1989, p.133). Roberto Schwarz conclui, então, que:

Assim, o dado ficcional não vem diretamente do dado real, nem é deste que o sentimento da realidade na ficção depende, embora o pressuponha. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graças aos quais se tornam coerentes as duas séries, a real e a fictícia. (SCHWARZ, 1989, p.133).

Como visto no ensaio “Pressupostos da Dialética da Malandragem” e nas obras de Antonio Candido (“Dialética da Malandragem” e *Literatura e Sociedade*), o texto literário e a Sociologia cooperam para a compreensão do social externa e/ou internamente na obra artística, o que ocorre graças à *forma*, responsável pela junção do romance e da sociedade (SCHWARZ, 1989). A forma, de acordo com o machadiano Schwarz, é objetiva e independente das consciências sociais, apesar de ter sido produzida pelo social. É ela (e não outra) a mediadora dos dois pólos marcantes da obra de Candido.

É chegada a hora de um questionamento latente: se a forma é a mediação, qual é o lugar do literário e do social no método de Candido? Ora, o método aqui é um incitamento de experiências em ambos ou, como afirma Schwarz (1989, p.139), “[...] ler uma na outra, a literatura e a realidade, até encontrar o termo de mediação.”

A dialética estabelecida pelo crítico entre o social e o literário encontrou adeptos na nova crítica brasileira, que buscou decifrar o texto literário numa relação a que ainda se somaria uma abordagem cultural. Entre outros nomes, além do mencionado Roberto Schwarz, citam-se Davi Arrigucci Jr. e Walnice Galvão, esta também uma estudiosa de Guimarães Rosa, que, com base no conceito de reversibilidade estabelecido por Antonio Candido para a obra rosiana, formulou o seu, o da ambiguidade, em que lê o *Grande sertão: veredas* como uma estrutura montada por encaixes entre a matéria ficcional e os dados documentais levantados pela sociologia.

### **O mestre e o seu “esprit de finesse”**

Num momento especialmente doloroso do romance *Grande sertão: veredas*, quando o bando, ainda triste com a morte à traição do chefe Joca Ramiro, se encontra com Medeiro Vaz, no Bom-Burití [*sic*], Riobaldo tece mais uma de suas definições, sábias palavras que tanto o distinguiram do bruto homem ligado ao banditismo social: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.” (ROSA, 1956, p.305).

Tomando as palavras do protagonista de *Grande sertão: veredas* pode-se afirmar que o aprendizado, juntamente com a apreensão, por parte de seus discípulos, dos métodos de análise de Antonio Candido, formulados tanto na crítica literária quanto em sala de aula, foi a tônica para o surgimento deles como

mestres do ensaísmo brasileiro. Forjados críticos a partir de uma base metodológica segura para a consolidação destes no cenário da crítica literária nacional, Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Júnior e Walnice Nogueira Galvão se destacam dentre os intelectuais formados por meio dos ensinamentos do autor de *Formação da Literatura Brasileira*.

Ingressos no espaço acadêmico no final da década de 1950, esses críticos, ainda jovens estudantes, assistiram às profundas mudanças que se desenhavam na cultura brasileira, principalmente no que tange aos debates teóricos travados na universidade e na crítica literária, além de um novo tempo de experimentações criativas na Literatura Brasileira, espécie de amadurecimento das propostas modernistas da década de 20, observadas principalmente numa intensa valorização da palavra, tornada instrumento capaz de fixar, artisticamente, os instantes ocorridos e guardados na memória de indivíduos residentes no meio urbano, como nas narrativas de Clarice Lispector, ou dos habitantes das zonas rurais, como nas composições de Guimarães Rosa. Apesar de ambientar suas criações em espaços diversos, estes escritores, assim como grande parcela dos romancistas brasileiros da década de 1930, não se sentiram incomodados com a questão de nossa estreita dependência dos modelos culturais europeus. Ao contrário disso, souberam capturar todas as possibilidades artísticas oriundas desse frutífero diálogo entre a produção literária da América Latina com a dos países do Velho Mundo.

Foi Antonio Candido o primeiro crítico no país a vislumbrar o caráter salutar da dependência dos modelos e padrões artísticos do Velho Mundo na construção das composições ficcionais da América Latina. Em sua sempre mencionada dialética — em que a literatura brasileira se articula com as demais letras européias, o autor de *A educação pela noite* aproxima o seu discurso do dos escritores posteriores a 1922, cujas obras não concordavam com um equívoco criado — que durante muito tempo pairou sobre as cabeças desses modernistas: o não consentirem um diálogo entre a sua produção literária e a realizada no outro lado do Atlântico.

Grande mantenedor que é de um sempre *teso arco da conversa*, instaurada pela Literatura com as demais áreas do conhecimento, mestre Candido propõe aproximações dessa forma artística com a História, com os Estudos Sociais e também com as manifestações literárias de outros países, numa abordagem metodológica em que a dependência das letras nacionais em relação às européias não é vista por um ângulo depreciativo para a produção de nossos escritores.

Esta “conversa literária” aparece disseminada ao longo dos inúmeros trabalhos de Antonio Candido; contudo, o detalhamento do processo de como se dá tal diálogo é apresentado em *Literatura e Sociedade* (1956), em cujo interior o crítico examina a importância do texto ficcional para a construção da identidade nacional e desta na composição literária.

Para um ensaísta, marxista em metodologia, como Roberto Schwarz, esta obra de Antonio Candido serve imensamente ao propósito de compreender, dentro dos movimentos inseridos no espaço social, fatores relevantes para a realização do produto literário; citemos apenas alguns poucos: a posição e o provável *status* gozados pelo artista; o comportamento da recepção literária e os fatos históricos que estimulam a criação ficcional.

A partir das bases deixadas pelo *doublé* de crítico e professor, novos leitores puderam redirecionar a obra literária, tal como quer a hermenêutica de Jauss (1921-1997) e sua Estética da Recepção, por outros caminhos graças a uma apurada interpretação do conteúdo ficcional por intermédio de uma leitura histórico-sociológica da literatura brasileira.

Schwarz, por exemplo, antes de seu enveredamento pelos estudos machadianos, publicara, na década de 1960, dois ensaios acerca de *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, em que se utiliza de abordagem marxista para analisar, sob uma perspectiva dialética entre o social e o literário, tanto a ruptura que realiza a palavra rosiana com as normas gramaticais, quanto o enquadramento rígido no qual os gêneros literários tentam enfeixar as obras artísticas, recurso revelado inútil, aliás, quando se trata da produção dos escritores da contemporaneidade. Este ensaísta, em “Grande sertão: a fala” (SCHWARZ, 1965), glosa em favor desse romance, confirmando que *todos* os campos lingüísticos, tais como o sintático e o morfológico, confluem para aquela que é a grande preocupação rosiana, a valorização da palavra, deixando em segundo plano o tema do Sertão, que é, talvez, a grande desculpa do ficcionista para a feitura de algo mais perene do que o espaço: a própria literatura.

Ao propor a concepção de superação do aspecto pitoresco tradicional presente em Guimarães Rosa, a crítica universitária dirige o olhar do leitor comum para um caminho que se desenha oposto àquele tomado por outros autores como Afonso Arinos, bons romancistas do regionalismo literário, porém incapazes de uma composição, à maneira rosiana, universalizante do homem sertanejo. Essa abordagem de Antonio Candido parece não ser de grande valor nos dias de hoje, tamanho é o avanço em relação às análises recepcionais que a obra do autor do *Grande Sertão: veredas* recebe; contudo, apresentada no calor da publicação daquele livro, pôde retirá-lo do meio comum em que habitavam os aglomerados de páginas dos cidadãos, culpados por não terem nascido no interior ou por o terem abandonado, e que na época buscavam fazer as pazes com as raízes culturais por intermédio da literatura. Como sempre, Antonio Candido foi (e é) mais que um observador literário, percebendo essa diferença trazida pelo escritor de Minas e fazendo-se iluminador deste, isto é, abrindo os caminhos interpretativos para a compreensão daquele *sertão-mundo* rosiano, lugar onde as palavras são geradas e passeiam livremente como o gado daquela região.

Se grande parte da crítica brasileira não dispunha de preparo teórico para receber o estouro das obras de Guimarães Rosa, Antonio Candido, indo em direção contrária, examinou-as com a profundidade e com o talento interpretativo que sempre marcaram a sua trajetória crítica e acadêmica, imergindo no fantástico espaço sertanejo de Riobaldo e de Augusto Matraga, sem se perder nos labirintos da revolução lingüística do autor.

A impecável conduta de Antonio Candido e a sua sempre mencionada generosidade intelectual reverberaram, quase sempre, no comportamento acadêmico e nos ensaios de inúmeros críticos de projeção internacional que, mais do que alunos, fizeram-se seus discípulos diretos, aproximando-se metodologicamente do autor de *Tese e antítese*, quer por seu cabedal teórico, visualizado em seus ensaios críticos, quer pelo seu rigor conceitual e humano como professor.

## Conclusão

Os ensaios de Antonio Candido são peças importantes para o entendimento dessa relação intrínseca entre o objeto estético e o elemento histórico que, ao migrar para o interior da matéria ficcional, funciona como base para a sua estruturação e passa a agir também como componente interno da obra. O autor de *Tese e Antítese*, em seu método de *redução estrutural*, em uma escrita simples e fluente — nem sempre seguida pela crítica brasileira — responde a essa questão que até a década de 1940 parecia sem solução no Leste europeu.

É impossível para um estudioso de Literatura ou mesmo um leitor apaixonado pela produção literária brasileira compreendê-la na totalidade de seus caminhos simbólicos sem recorrer aos estudos realizados pela crítica literária e, por assim dizer, aos ensaios de Antonio Candido e a leitura das obras literárias que o crítico realiza por meio de seu método, oriundo do diálogo entre as teses da Antropologia Social inglesa e dos pressupostos do *New criticism* em que a obrigatoriedade da leitura cerrada de um texto literário (*close reading*) afirma a supremacia da matéria ficcional na interpretação de suas significações. O reconhecimento dessas influências no trabalho de mestre Candido, apesar de verdadeiras, não deixam, ao leitor, a visualização total da riqueza de fontes que basearam o método forjado pelo autor de *Formação da Literatura Brasileira* e a sua imensa preocupação com os preceitos formadores da relevância social da Literatura num país que, a partir do século XVIII, se sonhou nação. São esses a função, a norma e o valor estético, extremamente importante para as estratégias da teoria formulada pelo tcheco J. Mukarovsky (1981) em sua *A Função, a Norma e o Valor Estético como fatos sociais* (1936), à época, certamente, fonte ignorada pelo professor Antonio Candido, o que comprovaria que as inquietações interpretativas desse crítico habitaram a mesma

atmosfera teórica de outros estudiosos, naturais de países onde a literatura e a crítica encontravam-se mais desenvolvidas.

Além, é claro, das fontes citadas, buscamos neste trabalho interpretar os movimentos que constroem um crítico da estirpe de Antonio Candido. Para tanto, foi imprescindível adentrar os escaninhos de sua trajetória pessoal. Ao relembra capítulos da vida do autor de *O discurso e a cidade*, nosso trabalho não busca mais do que prender todas as pontas da trama que é o notável método de Candido para a leitura da produção artística de um país latino-americano e terceiro mundista que, num momento longínquo, decidiu representar sua história através da pujança de sua ficção literária. O professor da USP e o seu método de análise são, portanto, frutos da Antropologia social inglesa e do *New criticism* norte-americano, certamente, mas também das leituras de *Mademoiselle Sunsex*, Terezinha Rocchi e Maria Ovídia Junqueiro, das bibliotecas paterna e materna da família Mello e Souza e da importância dada por Antonio Candido ao diálogo da história com a Literatura, perpassando este pela compreensão do percurso travado pela crítica brasileira, espaço que ele muito trabalhou para fomentar e consolidar no país.

TEIXEIRA, E.; HOLANDA, S. *Antonio Candido, keeper of the taut bow of interpretation*. **Itinerários**, Araraquara, n.30, p.139-153, 2010.

■ **ABSTRACT:** *This paper aims to examine Candido's method, self-called structural reduction, a theoretical approach that preserves both the aesthetic value and the social function of the literary work in the process of understanding it. Engaging in a divergent interpretation from that of Sociology of Literature, master Candido's view integrates the social element which conditions (and lies outside the artistic creation) the literary structure into a critical reading that stems from the blend of various theoretical foundations, among which the American new criticism and the British social anthropology stand out. This paper intends to show the importance of the sociological reading of Brazilian literature, undertaken by Candido and subsequently deployed in the work of some of his former students, first-rate essayists in Brazilian literary criticism.*

■ **KEYWORDS:** *Antonio Candido. Literary criticism. Structural reduction.*

## Referências

CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. **Florestan Fernandes**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

\_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

\_\_\_\_\_. Dialética da malandragem. In: ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.317-342. Edição crítica.

HORTA, M. T. **Escrita e transgressão**. Trabalho apresentado no XXI Encontro da ABRAPLIP. São Paulo, 2007. Texto digitado.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: JAUSS, H. R. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.43-61.

LIMA, L. C. **Estruturalismo e teoria da literatura**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MERQUIOR, J. G. O texto como resultado. In: \_\_\_\_\_. **As idéias e as formas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p.321-328.

MUKAROVSKÝ, J. A função, a norma e o valor estético. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre poética e semiótica da arte**. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1981. p.05-80.

PESSOA, F. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aquilar, 1986.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

SARMATZ, L. Papo sério. **Super Interessante**. São Paulo, v.196, p.96, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. 3. ed. Paris: Payot, 1964.

SCHWARZ, R. Um crítico na periferia do capitalismo. [mês, 2004]. Entrevistadores: Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n.98, 2004. p.12-19.

\_\_\_\_\_. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da Malandragem”. In: \_\_\_\_\_. **Que horas são? Ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p.129-155.

\_\_\_\_\_. Grande-Sertão: a fala. In: \_\_\_\_\_. **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p.37-41.



